

PE. JOAO PAULO PIMENTEL

MEDITAÇÃO DIANTE DA PIETÀ



PARÓQUIA DE TELHEIRAS

Que bom seria estar a sós e em silêncio diante da imagem, olhando ora para Jesus, morto nos braços de sua Mãe, ora para Maria, que contempla o seu Filho em atitude orante.

O momento em que a Santíssima Virgem recebeu Jesus descido da Cruz devia ficar para sempre gravado no mais profundo do nosso coração. Serve de âncora que impede o nosso afastamento de Jesus durante as turbulentas tentações e atalha devaneios espiritualmente fúteis.

Apesar da urgência em atuar devida ao dia e à hora, José de Arimateia e Nicodemos, depois de arrancarem os cravos e descenderem Jesus da Cruz com o cuidado e a veneração possíveis, sem brusquidões, tê-lo-ão pousado junto de sua Mãe. Talvez, a seguir, recuassem uns passos para que a Mãe e o Filho morto estivessem a sós. Uma «parte» de Jesus – a sua alma – já não estava ali. Uma parte de Maria, o mais profundo do seu eu cheio de graça, também parecia ter morrido. Assim os esculpiu Miguel Ângelo. Em mármore, para que esse momento atravessasse os séculos numa imobilidade propositada. Naquela trágica Sexta-feira Santa, mesmo se houvesse uma câmara de filmar, ela apenas desajudaria. Só precisávamos de uma fotografia – apenas uma –que captasse «o» instante, apenas «aquele» instante.

O tempo parou durante longos minutos. Não era possível apressar a dor. Maria recebeu Jesus, o seu Jesus, no colo. Entre o abraço de Maria e o corpo de Jesus não há barreiras, não há distâncias. O corpo de Jesus, mergulhado em sangue, suor, lágrimas e pó, é abraçado com toda a força da Mãe. Maria aperta-o quanto pode, quer tê-lo bem junto de si. Depois, ergue o tronco para contemplá-lo devagar. Eis a Pietà!

Olhando para o rosto de Maria com Jesus nos braços, talvez surgisse em José e em Nicodemos a pergunta que aflora à nossa mente ao contemplar a obra-prima de Miguel Ângelo: em que pensas Virgem Maria? Que guardas no teu insondável coração? Que vês em Jesus morto? Como é a tua oração nesse instante?

Desde há tantos anos que Maria queria abraçar Jesus como o tinha feito em Belém, no Nascimento. Naquele dia tão alegre, a poucos quilómetros do Calvário mas agora tão distante, perguntou-se como faria para cuidar de Alguém que era, sim, seu filho mas também seu Deus. Como se cuida de Deus? Como se abraça Deus? Como se beija Deus? Como se alimenta e limpa Deus sem perder a reverência a Ele devida?

Agora, com o cadáver de Jesus em seus braços, os interrogantes são outros: como ocupar-se do Corpo morto do Salvador do mundo? Como se reverencia o Filho de Deus morto? Para Maria não é necessário um guia, um código, um ritual. Ela ama-O e sabe o que fazer, sabe sempre o que fazer. Abraça-O e contempla-O morto, olha para Ele sem se cansar. A obra de Miguel Ângelo convida todos os cristãos a olharem sempre para Jesus. Aquele olhar de Maria é contagioso.

«O Filho de Deus morreu e está nos meus braços». Muitos séculos mais tarde, um filósofo proclamou a morte de Deus para significar o seu desaparecimento no horizonte da civilização humana. Não sabia que o próprio Deus Encarnado já tinha aceitado a própria morte quase 2000 anos antes... e que, logo a seguir, ao terceiro dia, tinha ressuscitado para sempre, para nunca mais morrer. Ainda que Maria soubesse que o seu Filho tinha profetizado a sua própria Ressurreição, ainda que Ela acreditasse sempre nas palavras de Jesus e esperasse esse milagre, diante de seus olhos tinha «apenas» o Corpo morto de Jesus. E sentia uma dor imensa porque era a melhor das mães, a que mais amava, e também a melhor das filhas de Deus, aquela que melhor captava a magnitude da ofensa ao nosso Criador.

Olhando para Jesus nos braços de Maria, ressoam nos nossos ouvidos as palavras da última das parábolas do Senhor: «este é o herdeiro! Matemo-Lo!» Como foi possível decidir matar Aquele que só fez bem a todos? Não agrediu ninguém, não roubou ninguém, não mentiu a ninguém, não maltratou ninguém, não instrumentalizou ninguém para seu proveito. Como foi possível tanta cegueira, tanta maldade, tanta injustiça? Talvez tudo isto viesse à cabeça de Maria. No entanto, só lhe importa considerar que segura nos braços Aquele que derramou amor neste mundo como nunca antes tinha sucedido e foi morto pelos homens ingratos. Por todos nós que, por vontade do Seu Filho, nos tornámos também, poucos minutos antes, filhos de Maria: «Eis o teu filho».

Da longínqua anunciação em Nazaré, ecoavam uma vez mais em Maria as palavras do Arcanjo: o Filho salvaria o mundo dos pecados. Naquele momento, com Jesus morto ao colo, como se tornaria verdade essa profecia? Para Jesus arrancar o pecado do mundo foi necessário um «deicídio», o pior de todos os pecados alguma vez cometido? Era assim que Jesus tinha decidido salvar o mundo? Como manter a esperança num Deus que morre, que é vilmente assassinado?

No olhar sereno de Maria, Miguel Ângelo não retrata qualquer revolta, qualquer trejeito de justa indignação. Apenas contemplamos serenidade e aceitação confiada. O tremendo plano divino tinha mesmo de ser esse. Há muitos anos, o velho e piedoso Simeão tinha anunciado que, um dia, uma espada trespassaria o seu coração, em perfeita união com Jesus. No seu puríssimo coração, clarividente e sábio, todas as palavras sobre Jesus, guardadas zelosamente como o tesouro mais precioso, parecem confluir num poema doloroso e deslumbrantemente comovedor. O seu Filho amadíssimo, Cordeiro inocente, assumiu em Si as consequências dos pecados de todos os homens de todos os tempos. O monumental oceano de maldade reclamou o maior ato de amor de sempre. Maria sabe que tem ao seu colo o Amor até ao extremo, o Amor encarnado. Não é um corpo morto que tem em seus braços: é o Amor que dá vida, o Amor que não pode morrer.

José de Arimateia e Nicodemos sustentam a respiração, chorando de dor diante do olhar absorto e triste de Maria. S. João, Maria Madalena e as outras santas mulheres há muitas horas que não param de chorar. Todos renovam a sua comoção perante os olhos semifechados de Maria, cansados e marejados de lágrimas silenciosas... Vêm como os seus lábios mussitam palavras de amor que eles não ouvem nem ousam decifrar. E nunca interromperão a Mãe. Quem o faria? Diante da Virgem dolorosa, nós queremos unir-nos àqueles amigos de Jesus. Como eles, mais uma vez, olhamos para a Pietà cheios de pena, perguntando, uma e outra vez, como foi possível que tudo aquilo sucedesse?

Depois de O abraçar uma vez mais, unindo a sua face à de Jesus, num abraço sem tempo, Maria tinha de beijar as feridas do corpo, da cara, das mãos, dos pés, a grande ferida do lado, os rasgões sem fim abertos nas costas pela flagelação. Maria tinha de fazer o que fazem as mães quando uma criança se queixa da dor no dedo: um beijinho no dedo, para que a dor passe, mesmo sabendo que não passará. Sim! Que mais podia fazer agora? A Mãe não tem nojo nem repugnância. Essas inumeráveis feridas eram também suas.

Maria beijará também todas as feridas e males dos homens, ao longo dos séculos. No Corpo ensanguentado de Cristo ficaram inscritos todos os males de todos os tempos. Ele carregou em Si esses males. Não só não se afastou de nenhum deles como os fez seus, deixando que dilacerassem o seu corpo. Maria beija as feridas com os seus lábios. Esses beijos são o primeiro perfume e bálsamo que ungem o corpo morto de Jesus...

O tempo, impiedoso, corre. É necessário retirar dali os corpos. São João e os outros devem levar o corpo ao sepulcro de José. Maria permite que lhe retirem Jesus. Os dois transportam o Corpo com toda a reverência, com andar pesaroso. Maria acompanha cada passo. Ela nunca se afastou do seu Filho. Nunca! Agora, caminha a seu lado, ao ritmo de José e Nicodemos, segurando a sua mão morta, sem nunca a soltar. O olhar dirigido a Jesus, como se de um imã se tratasse, é sempre o mesmo: imperturbável, intenso, profundo, cheio de amor.

Já no sepulcro, envolvem Jesus com o lençol branco. Maria pede tempo para continuar a estar com Jesus. Que difícil é sair dali! Maria sabe que aquele momento não se pode eternizar... mas prolonga-o... Chega o instante do último olhar, do último beijo, do último abraço. Terá sido Maria a enfaixar e reclinar o Corpo de Jesus à semelhança do que tinha feito na noite do Nascimento? (Cfr. Lc 2,7)

Por fim, consente em retirar-se, retrocedendo de costas para poder olhar o Corpo de Jesus, envolto num lençol. Como foi possível tanto mal? Como foi possível uma gigantesca insensibilidade de tanta gente? Maria retira-se talvez trazendo à sua memória o reencontro com Jesus adolescente ao terceiro dia, depois de horas de angústia e tristeza. No seu coração inconsolável, Ela sabe que a profecia do seu Filho se realizará, que voltarão a encontrar-se brevemente. O seu coração não consegue parar de chorar, mas agora tem de ocupar-se dos seus outros filhos.

Dirige o seu olhar materno para São João que acompanhou Jesus com lágrimas que nunca cessaram naquelas horas tão sombrias. Abraça Maria Madalena e as outras mulheres: mais do que ser consolada, é Ela a que as fortalece.

Não nos cansemos de olhar para Jesus nos braços de Maria. Miguel Ângelo tinha razão: não basta a narrativa. É preciso estar lá e olhar para esse momento único e eterno ao mesmo tempo. Nossa Senhora não deixa de olhar com aqueles olhos para todos os seus filhos que morrem pelo pecado. Não se afasta de nenhum de nós. Apenas nos diz: deixa que o Meu Filho te volte a dar a vida.